

FED autoriza compra de 100% de ações na conversão da dívida

MARIELZA AUGELLI
Especial para O Estado

WASHINGTON — Por decisão do banco central americano — o Federal Reserve Board — os bancos norte-americanos estão autorizados a converter parte da dívida externa dos países do Terceiro Mundo em investimentos equivalentes a até 100% das ações de companhias não financeiras. A medida se estende a pelo menos 33 países em desenvolvimento.

Esta conversão da dívida latino-americana em capitais de risco foi recebida entre banqueiros e analistas financeiros como positiva, apesar de apresentar algumas restrições para a sua imediata aplicação.

"Trata-se de uma boa notícia para os bancos e também para os países da América Latina, que terão mais uma maneira de saldar a sua dívida externa", afirmou um banqueiro membro do comitê dos bancos norte-americanos, acrescentando que a comunidade não gostou apenas das restrições impostas com a medida, principalmente aquelas que estabelecem um prazo de cinco anos para estas transações (apesar de este prazo poder ser renovado por mais cinco anos) e o fato de a medida ser válida somente para empresas do setor público em processo de privatização.

A decisão anunciada na noite de quarta-feira pelo porta-voz do Federal Reserve inclui a conversão da dívida apenas para os países que tiveram uma reestruturação de sua dívida externa de 1980 para cá — e foi conseguida por pressão da maioria dos bancos americanos, liderada pe-

lo Citicorp. Na verdade, o FED mantinha uma regulamentação segundo a qual investimentos deste tipo só poderiam ser aprovados em um limite de 20% das ações de uma companhia e, agora, a nova regulamentação libera este investimento para até 100% das ações de uma companhia não financeira.

"CRÍTICAS INJUSTIÇADAS"

De acordo com vários banqueiros americanos, a conversão da dívida de países em desenvolvimento em capital de risco já vem sendo feita, principalmente no México, Chile e Filipinas, há pelo menos quatro anos e o mercado tem crescido consideravelmente. Em 1983 o mercado de conversões foi responsável por US\$ 1,5 bilhão em investimentos, enquanto em 86 este total ficou na marca US\$ 8 bilhões e, para este ano, espe-

ra-se que pelo menos US\$ 10 bilhões em investimentos sejam feitos através de conversão da dívida.

"Esperamos que esta nova medida possa encorajar o Brasil a regulamentar esta transação e olhar com bons olhos este modo de conversão da dívida", afirmou a **O Estado** um executivo de um dos maiores bancos credores do Brasil. Segundo ele, não são justificadas as críticas de políticos e economistas brasileiros contrários aos investimentos estrangeiros. A mesma fonte afirma que o Chile, por exemplo, conseguiu cortar em até 10% a sua dívida no ano passado com este recurso e, embora isto não resolva o problema da dívida em si, "já é um bom passo na direção certa para lidar com o problema".

Porta-vozes do Citicorp, por sua vez, negaram-se a fazer qualquer co-

mentário sobre a medida, afirmando que ainda é muito cedo para se prever o que pode acontecer no mercado de ações. No entanto, não é novidade o fato de que Citicorp foi um dos principais bancos a fazer um acirrado **lobby** para a aprovação da medida pelo FED. Isto porque, segundo o seu presidente, John Reed, é intenção do maior credor do Brasil converter as dívidas da América Latina em até US\$ 5 bilhões de investimentos, conforme o presidente do Citicorp afirmou à imprensa em 19 de maio último, quando anunciou a sua decisão em acrescentar maiores reservas para compensar as perdas com as dívidas do terceiro mundo.

Do mesmo modo, representantes do Chase Manhattan se mostraram cautelosos em fazer qualquer comentário.